

O TERRORISMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

LUÍS FIÃES FERNANDES
Intendente da PSP
Doutorando em Ciência Política

1. A sociedade contemporânea tem sido caracterizada de diversas formas – pós-industrial, de risco, da informação, etc. – no entanto, embora não sendo a mais recente, a que melhor a caracteriza talvez seja a de Julien Freund que a denomina de sociedade conflitual¹. Para este autor, a *“conflitualidade não constitui um fenómeno anormal ou patológico que possamos eliminar definitivamente das relações sociais [pois] todas as actividades humanas e sociais podem ser teatro de conflito”*². Esta perspectiva, de uma sociedade intrinsecamente conflitual, foi partilhada por outros como Aristóteles, Hobbes, Marx, Sorel, John Stuart Mill, Simmel, Ralf Dahrendorf e David Lockwood. Para estes autores, qualquer sistema é marcado permanentemente pelo conflito e a “sociedade” – complexo de indivíduos e de grupos com interesses opostos – apenas se mantém porque uns impõem a sua vontade aos restantes. O conflito é normal e permanente, e a ordem social só existe porque é imposta pela

¹ FREUND, Julien, *Sociologie du Conflit*, Presses Universitaires de France, Paris, 1983.

² Idem, *ibidem*, pp.23 e 361.

ameaça ou pelo uso efectivo da força. Em oposição a esta visão encontram-se Comte, Spencer, Durkheim e Talcott Parsons. Para estes, e de uma forma geral, o estado normal da sociedade seria um *continuum* de equilíbrio, e o conflito uma perturbação.

Independentemente da perspectiva, sabemos que ao longo da história as sociedades foram intermitentemente abaladas por períodos de lutas mais ou menos intensas, e em que todas as épocas existiu contestação, ainda que limitada a determinadas causas sociais. Mas, na sociedade actual, a velocidade das transformações, o seu encadeamento, o elevado número de acontecimentos que ocasionam uma multiplicidade de efeitos “secundários” cumulativos levam, ainda que lentamente, a uma erosão dos valores e alimentam causas de contestação diversa, o que contribui para criar condições propícias à emergência de conflitos e à sua escalada. As contradições permanentes da nossa época apenas agravam este potencial pois, como afirma Rosenau, o mundo está sujeito a eventos integrativos e *desintegrativos* que ocorrem simultaneamente e, frequentemente, estão casualmente relacionados³. O cruzamento do local e do global, do público e do privado, do coerente e do incoerente, constituem “polaridades interactivas” que dominam os assuntos mundiais⁴.

2. O terrorismo, todos o sabemos, não é um fenómeno novo. O terrorismo tem acompanhado a história do homem, com diferentes intensidades. Vários relatos históricos indicam que o “terrorismo”, nas suas várias formas, tem sido utilizado pelos homens há mais de mil anos⁵. Apesar deste facto, sempre que esta forma de violência ganha visibilidade, pela sua maior intensidade, após períodos de relativa ausência, verifica-se, na maioria do público, a ideia gene-

³ ROSENAU, James, *Distant proximities*, Princeton university press, Princeton, 2003, p. 3.

⁴ *Idem, ibidem*.

⁵ LAQUEUR, walter, *A history of terrorism*, Transaction Publishers, New Brunswick, 2002.

realizada de que o terrorismo é um fenómeno “novo”. No entanto, o que é relativamente novo são as motivações e a determinação dos terroristas em causar o máximo número de vítimas e de danos.

O terrorismo contemporâneo, com a sua forte componente transnacional, emerge no final dos anos 1960, sendo fortemente marcado pelo conflito no médio oriente (palestinos/israelitas). Os palestinos, reconhecendo a impossibilidade de sucesso de uma “guerrilha convencional”, adaptaram o modelo argelino de táticas terroristas com as novas gerações de terroristas a reinventarem as “velhas táticas”, aproveitando as que historicamente haviam provado ser eficazes e, outras vezes, inovando. Tais táticas iriam garantir aos palestinos a mobilização e amplificação da propaganda da sua causa⁶.

O recurso a táticas terroristas não se limitou ao médio oriente. A partir de finais dos anos 1960 são exportadas para a Europa, passando a ser usadas quer por grupos que utilizavam o território Europeu para defender a causa palestina, quer por grupos revolucionários, como o RAF ou as Brigadas Vermelhas, quer ainda pelos grupos que tentavam conquistar a independência de determinados territórios na Europa, como o IRA.

Na longa evolução do fenómeno terrorista, a utilização da violência na promoção das convicções religiosas de determinados grupos também não é nova. No Médio Oriente, terrorismo e religião partilham uma história comum⁷. Tanto o vocábulo “zelota”, como o vocábulo “assassino” estão ligados a movimentos fanáticos no judaísmo e no islamismo. Os Zelotas, nacionalistas judeus, no século I lutaram contra a ocupação romana utilizando táticas terroristas.

⁶ JENKINS, Brian Michael, *Introduction*, p. 4 in ELLIS III, James O (ed.), *Terrorism: What's Coming, the Mutating Threat*, Memorial Institute for the Prevention of Terrorism, Oklahoma City, 2007

⁷ RANSTORP, Magnus, *Le terrorisme au nom de la religion*, p. 115 in CHALIAND, Gérard (dir.), *Les stratégies du terrorisme*, Desclée de Brouwer, Paris, 1999, 247 p.

A sua tática preferida era o assassinato, tendo como alvo os soldados romanos. O seu *modus operandi* consistia em dissimular-se na multidão até estarem próximos do seu alvo, altura em que o atacavam com as suas sica (punhais) que se encontravam ocultas pelas suas capas, voltando a desaparecer na multidão depois do ataque. Com estas táticas colocaram o “ocupante” num permanente clima de suspeição e medo.

Mais tarde, no século XI, um grupo de ismaelitas xiitas organizou um corpo de assassinos conhecidos por *Fedayeen*, literalmente os que se sacrificam. Este grupo tinha como alvo os “injustos” e os seus servidores, e cada assassinato, em que era usado um punhal, representava para o seu autor o cumprimento de um dever sacramental, apesar da quase certeza da sua captura e morte. No entanto, acreditavam que teriam um lugar assegurado no paraíso caso morressem como mártires da causa de Deus. Os membros desta seita acreditavam que assassinando os injustos garantiam a sua própria salvação e destruiriam uma ordem corrupta. Para contrariar o espanto e admiração que estes ataques causavam ao povo, foi espalhado, pela classe governante, que os mesmos actuavam sob o efeito do haxixe.

Assim, ao contrário da ideia generalizada no público, o fenómeno terrorista de “motivação religiosa” não é novo. O que será novo na base do seu ressurgimento é um conjunto diversificado de factores que levou a que nos últimos anos este terrorismo se manifestasse através de numerosos atentados, ímpares pela sua espectacularidade e número de fatalidades⁸. No terrorismo religioso

⁸ Como, por exemplo, a 25 de Fevereiro de 1994, Baruch Goldstein, um israelita da colónia ortodoxa de Qiryat Arba, entrou na Mesquita de Ibrahim, em Hebron, na Cisjordânia e disparou a sua arma sobre os cerca de 800 palestinianos que se encontravam no interior, matando 29 pessoas e ferindo cerca de 150, antes de ser abatido. Baruch Goldstein era membro do grupo fundamentalista judeu Kach (uma organização partidária radical, fundada em 1971 pelo rabino norte-americano ultraortodoxo Meir Kahane, quando emigrou para Israel), considerando-se que o mesmo agiu sob uma complexa mistura

a contenção imposta por valores morais e éticos e por considerações políticas está, a maioria das vezes, totalmente ausente. As acções terroristas são levadas a cabo com um único objectivo: causar o maior número de vítimas. Este objectivo levou a uma inovação táctica: o terrorismo suicida⁹, o qual começou a ser “procedimento padrão” dos xiitas libaneses, depois foi adoptado pelos Tigres Tamil, depois pelos palestinianos e posteriormente, de forma generalizada, pelos jihadistas¹⁰.

As acções com recurso a suicidas apareceram pela primeira vez no Líbano em 1983. Numa primeira fase circunscreveram-se a outros países do médio oriente para, a partir dos anos 1990, se expandirem para o resto do mundo¹¹. Estes atentados são, do ponto de vista económico, baratos e, normalmente, muito eficazes. Em termos de planeamento envolvem menor complexidade operacional – como não se baseiam em equipamento e planeamento sofisticado têm maior probabilidade de sucesso – não necessitam de planos de fuga, nem de casas seguras para recuar, não deixam testemunhas para identificar os restantes elementos do grupo, não precisam de mecanismo de retardamento e garantem a máxima cobertura mediática. Os suicidas são mais eficientes porque são flexíveis e inventi-

de política, religião e fanatismo, acentuada por um sentimento de traição por parte do então Primeiro-Ministro israelita Ytzhak Rabin. Este mesmo fanatismo religioso irá mais tarde vitimar Ytzhak Rabin, assassinado por um jovem fanático judeu; o atentado com gás Sarin no metro de Tóquio, pela seita Aum Shinrikyo, em Março de 1995; o atentado contra o edifício federal em Oklahoma City, por milícias, em 19 de Abril de 1995 e, como exemplo padrão, os atentados em 11 de Setembro de 2001.

⁹ O ataque ao aeroporto de Lod (Israel), em 1972, pelo Japanese Red Army, foi, segundo Brian Jenkins, um ataque suicida (cf. JENKINS, Brian Michael, *idem*, *ibidem*, P.S.

¹⁰ JENKINS, Brian Michael, *idem*, *ibidem*.

¹¹ GUNARATNA, Rohan, *Suicide terrorism: a global threat*, *Jane's Intelligence Review* na página http://www.janes.com/security/international_security/news/usscole/jir001020_1_n.shtml, consultada em 24 de Outubro de 2000.

vos, podem adaptar-se às modificações no ambiente operacional, escolhendo a melhor altura para detonar o engenho de acordo com o número de pessoas, o local e as medidas segurança existentes, e se o suicida mudar de ideias pode sempre existir um controlador que pode accionar o mecanismo à distância. Os suicidas são a arma perfeita do terrorismo contemporâneo.

A impossibilidade de construir um perfil do suicida é hoje uma realidade. Os eventos ocorridos em Israel justificam esta afirmação. Assim, nos primeiros atentados suicidas em autocarros, em Israel, a partir de Fevereiro de 1996, era relativamente “fácil” para as autoridades israelitas identificar os potenciais suicidas, pois a maioria dos suicidas eram homens jovens, entre os 17 e os 23 anos, normalmente solteiros. As medidas preventivas adoptadas passavam pela recusa de licenças trabalho a quem correspondesse a tal perfil, restringindo as possibilidades de cruzar a linha verde (a fronteira de Israel antes de 1967). Depois o perfil dos terroristas suicidas mudou, podendo corresponder a homens ou mulheres, solteiros ou casados, de qualquer idade, mesmo crianças.

Na sociedade contemporânea, o aparecimento de numerosos grupos terroristas religiosos dá-se a partir do início dos anos 1980¹². O crescimento do terrorismo de motivação religiosa surge como uma resposta às alterações ocorridas no sistema internacional desde os finais dos anos 1960, sendo acelerado pela queda do muro de Berlim, em 1989, e pela consequente proliferação de conflitos étnicos e religiosos. O processo de globalização e a dissolução acelerada da coesão social e cultural de determinadas sociedades, associado às desigualdades económicas e aos conflitos sociais, aumentaram o grau de incerteza relativamente ao futuro, provocando

¹² A título de exemplo, o grupo shik Dal Khalsa e o Dashmesh, são fundados entre 1978 e 1982; o Hezbollah, movimento xiita, é formado no Líbano em 1982; os grupos sunitas Hamas e Jihad Islâmica, são formados em 1987; a seita Aum Shinrikyo é formada em 1987.

um sentimento de fragmentação espiritual. Esta realidade foi interpretada pelos grupos terroristas de motivação religiosa como um sinal de que era necessário preservar a identidade religiosa da comunidade, e que Deus era o único garante dos seus valores. A probabilidade destes grupos cometerem atentados aumenta à medida que interpretam as alterações em seu redor como uma escalada da ameaça de secularização ou, no caso dos grupos milenaristas ou messiânicos, da chegada do apocalipse¹³.

Estes terroristas actuam na certeza de que as suas acções foram autorizadas por Deus e, por vezes, ordenadas por Ele. Independentemente da sua origem, utilizam sempre a mesma justificação: o recurso à violência tem por fim defender ou vingar a sua comunidade e, em certos casos, alicerça-se numa forte motivação messiânica¹⁴. Os *jiihadistas* actuais não procuram a autonomia ou a independência de um Estado, a revolução ou a reforma política, mas a conversão e a salvação pessoal através da violência, negando a existência de inocentes. Hoje é possível afirmar, de acordo com as estatísticas disponíveis, que uma parte significativa dos grupos activos tem motivação religiosa. Estes grupos, ao contrário dos grupos "laicos", são motivados, para além das suas convicções religiosas extremistas, por considerações políticas, derivadas do contexto específico em que actuam, sendo extremamente difícil separar as motiva-

¹³ Assim, por exemplo, a formação do Hizballah está ligada à guerra civil no Líbano e à revolução islâmica no Irão. Apesar destes factores genéticos, é a invasão israelita do Líbano, em 1982, e a intervenção das forças multinacionais ocidentais que desempenham o papel de catalisador no seu desenvolvimento. Um outro exemplo decorre do encerramento em 1984, pelo exército indiano, do Templo Dourado, em Amritsar, local de peregrinação dos shik. Esta acção teve como consequência não só o assassinato da Primeira-ministra Indira Gandhi, mas levou igualmente a um ciclo de violência entre as duas religiões, levando à morte alguns de milhares de pessoas (Cf. RANSTORP, Magnus, *Idem*, p. 125).

¹⁴ RANSTORP, Magnus, *Idem*, p. 116.

ções políticas das motivações religiosas¹⁵. Aliás, para determinados grupos tal separação não faz qualquer sentido, uma vez na sua visão do mundo, que política e religião são inseparáveis.

Esta realidade é particularmente observável nos grupos de origem islâmica. Certos grupos combinam objectivos políticos imediatos, como a libertação de prisioneiros, e de objectivos de longo prazo, como a resistência a uma comunidade que é vista como ocupante, bem como a libertação de todos os crentes¹⁶. Tratam-se de organizações complexas que, para além das suas vertentes operacionais, têm vertentes sociais, mantendo fortes laços com a comunidade onde se integram, sustentando uma rede de infra-estruturas e serviços a essa comunidade, que passa pela assistência de cuidados de saúde, de educação, etc.

Para estes grupos, se a ameaça é exterior à comunidade, a mesma pode ser utilizada para extremar o seu radicalismo e alienação face à sociedade em geral. Se é interna, e se tem origem em partidos políticos vistos como “corrompidos”, tais grupos podem rejeitá-los de forma violenta, colocando em causa a legitimidade do regime assumindo-se como a única e verdadeira oposição política. Tanto a luta contra os inimigos externos, como a luta contra os inimigos internos, aos olhos destes grupos, que recusam qualquer compromisso, é vista como uma batalha entre o bem e o mal. O combate “(...) *é puramente definido em termos dialécticos e cósmicos, como o combate dos crentes contra os infieis, da ordem contra o caos e da justiça contra a injustiça*”¹⁷. Um complexo sistema de factores sociais, políticos, económicos, culturais, psicológicos e espirituais moldam a racionalidade dos grupos terroristas de motivação religiosa, sendo a religião que lhes fornece os ideais, fixados há inúmeros séculos, e o refúgio físico e psicológico contra a repressão.

¹⁵ RANSTORP, Magnus, *Idem*, p. 117.

¹⁶ *Idem, ibidem*.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 127.

As reacções de autodefesa por parte destes grupos são normalmente determinadas pela tentativa de entrada de valores seculares estrangeiros ou de valores laicos no meio ambiente dos radicais, ou pelo resultado de uma intervenção estrangeira, por parte do ocidente, que é vista como colonialista ou neo-colonialista, ou ainda como uma reacção contra outras religiões¹⁸. Os sinais de que tal reacção está em curso são normalmente materializados pela presença de militantes religiosos mais activistas e dinâmicos que os representantes dos movimentos tradicionais, o que faz com que os fieis lhes obedeçam de forma mais eficaz e rápida. É por isso que em quase todos os grupos se encontram guias espirituais¹⁹ que intervêm em todas as actividades, políticas e “militares”. A escolha dos nomes dos grupos também não é ocasional e materializa uma tentativa de combater a ameaça laica e, ao mesmo tempo, justificar os seus actos com base na ideia de que os membros do grupo são os únicos intérpretes da verdade revelada por Deus²⁰. A legitimidade religiosa resultante aumenta-lhes o potencial de futuros recrutamentos.

Hoje, através das possibilidades oferecidas pelos modernos meios de comunicações, poderemos afirmar que o movimento *jihadista* está a caminho de conseguir um verdadeiro movimento global, formado sob uma ideologia partilhada, monolítica a que todos se submetem.

3. O terrorismo é difícil de combater porque aqueles que o utilizam consideram que não tem nada perder e porque, por razões religiosas ou ideológicas, o martírio desempenha um papel extremamente importante em algumas comunidades. O recurso à violência é voluntário e racional e os *“indivíduos entendem que a sua participação é importante porque o tamanho do grupo e a sua coesão são importantes”*²¹. O terrorismo é, geralmente, considerado como uma

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 124.

¹⁹ Como, por exemplo, Shoko Asahara, do Aum Shinrikyo.

²⁰ Como por exemplo, Hizballah (Partido de Deus); Aum Shinrikyo (Verdade Suprema) ou Lashkar-e-Tayyiba (Exército dos Justos).

resposta calculada relativamente a certas circunstâncias. Os terroristas, sobretudo os que assumem a liderança, são indivíduos racionais²² que exploram as oportunidades, atacando quando identificam uma vulnerabilidade e quando reúnem condições para realizarem um ataque com sucesso. Escolhem alvos fáceis, como locais turísticos ou locais nas cidades com grande aglomeração de pessoas, ou ainda os transportes públicos (alvos fáceis por excelência). O seu objectivo é fazer o máximo número de vítimas, neutralizar infra-estruturas, causar o pânico e a insegurança geral.

Nestes grupos, os líderes mais moderados arriscam-se a ser acusados de traição e executados pelos seus pares se defenderem posições mais moderadas. Mesmo os elementos que tomam consciência da insensatez da sua forma de luta não encontram uma forma fácil de renunciar ao grupo, na medida em que na cultura de fanatismo e violência em que estas células estão imersas tal seria considerado uma traição. O envolvimento na luta é uma forma de demonstrar empenhamento, convicção na causa e, no caso do terrorismo de matriz religiosa extremista, alcançar o paraíso. O objectivo dos membros é espalhar a morte, como meio e fim, recorrendo a acções que variam entre a complexidade e a sofisticação operacional e a simplicidade do carro bomba ou do suicida. Pela acção tentam reforçar o apoio à sua causa e demonstrar a incapacidade dos Estados em proteger os seus cidadãos, os seus bens e o seu modo de vida. É uma forma de demonstrar as vulnerabilidades das nossas sociedades e, ao mesmo tempo, um meio de demonstrar a sua capacidade operacional e inspirar outros, atraindo mais voluntários e mais financiamentos para a “causa”.

²¹ CRENSHAW, Martha, *The logic of terrorism: Terrorist behavior as a product of strategic choice*, p. 8 in REICH, Walter (Ed.), *Origins of terrorism*, Woodrow Wilson Center Press, Washington, D. C., 1998.

²² SPRINZAK, Ehud, *Outsmarting suicide terrorists* na página <http://search.csmonitor.com/durable/2000/10/24/fp9s1-csm.shtml>, consultada em 24 de Outubro de 2000.

4. No cenário do terrorismo global a Europa também é anualmente palco de um número apreciável de atentados. Em 2007 a maioria dos atentados terroristas na União Europeia foram praticados por grupos de natureza separatista (91%)²³, com especial destaque para as actividades dos separatistas bascos e da Córsega. Os ataques foram conduzidos maioritariamente contra alvos estatais, económicos e contra a infra-estrutura crítica (12 %, no caso da ETA), utilizando engenhos incendiários, com o objectivo principal de causar estragos materiais. Nestes grupos é interessante verificar a elevada percentagem de mulheres envolvidas nas actividades terroristas, que no caso da ETA chega aos 18%²⁴, quando comparados com os grupos de matriz islâmica, com apenas 7%, de acordo com o relatório. Quanto à ETA é também relevante verificar que cada vez mais utiliza o território português, nomeadamente para alugar veículos, que posteriormente utiliza em ataques.

O território da União Europeia é ainda utilizado para acções contra Estados terceiros por grupos que defendem a independência de povos e territórios que não pertencem a Estados membros, como é o caso do PKK, que luta pela independência do Curdistão.

No que se refere à ameaça terrorista de matriz islâmica, em 2007, no Reino Unido, dois ataques falharam, bem como uma tentativa na Dinamarca e uma na Alemanha²⁵. Estas acções tinham como características²⁶ a utilização de engenhos explosivos principais e de engenhos explosivos secundários (confirmado pelas tentativas de ataque falhadas), a coordenação das acções (sempre com o objectivo de causar o maior número de vítimas), e a ligação entre diferentes ataques, ainda que geograficamente afastados. Os autores destas acções, em alguns casos, receberam treino em campos fora da

²³ EUROPEAN POLICE OFFICE, *EU Terrorism Situation and Trend Report 2008*, EUROPOL, Netherlands, 2008, p. 28.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 31.

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 17 -18.

²⁶ *Idem, ibidem*.

Europa, como demonstram os dados resultantes da detenção, a 4 de Setembro de 2007, de três indivíduos (um turco e dois alemães) que planeavam um conjunto de ataques coordenados na Alemanha.

Para além da actividade de grupos ligados à extrema-esquerda e extrema-direita, os grupos defensores de determinadas causas continuam a ter um papel preponderante ao executarem acções em vários Estados membros, com especial destaque para os grupos extremistas de defesa dos direitos dos animais no Reino Unido. Estes grupos recorrem sobretudo a acções contra a indústria farmacêutica, utilizando engenhos incendiários, cartas armadilhadas e a contaminação de produtos²⁷.

Do exposto no relatório pode ainda concluir-se que os grupos terroristas se têm adaptado às medidas de segurança. A ETA, por exemplo, como resposta ao controlo mais rigoroso dos explosivos comerciais, passou a recorrer cada vez mais ao uso de explosivos artesanais, bem como operou mudanças nas formas tradicionais de recrutamento, recorrendo cada vez mais ao vídeo²⁸.

5. É hoje claro que o terrorismo se configura como uma das ameaças à segurança dos Estados, a par de outras como a proliferação de armas ou a criminalidade organizada transnacional. Trata-se de uma ameaça em que os seus agentes são de difícil identificação, e em que os actores não estatais têm assumido um papel cada vez mais importante, sobretudo após a guerra fria em que *“no clear, unequivocal threat or enemy substituted for the Soviet Union, no new scheme replaced the unmistakable pattern of bipolarity. The security problématique consisted of a mixture of rather vague and ill-defined components. (...) More attention than before was thus devoted to non-state security risks.”*²⁹ Para compreender o terrorismo

²⁷ *Idem, ibidem*, pp. 40 - 41.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 32.

no contexto da nova realidade internacional não é possível continuar a reflectir sobre o mesmo a partir de visões tradicionais, pois estas não são adequadas à sua análise no ambiente actual.

Os terroristas com as suas acções visam atingir audiências distintas, desde potenciais recrutas e financiadores, aos inimigos “locais” e a opinião pública mundial³⁰. Independentemente da definição do fenómeno, parece ser consensual que o terrorismo, para além dos efeitos físicos que produz, visa manipular e condicionar psicologicamente não só aqueles que sofreram directamente as suas consequências, mas também aqueles que a quilómetros de distância assistem a essas consequências. Certas ameaças e riscos, mais que os interesses materiais, atingem a confiança nas instituições, no Estado e nas forças de segurança. Numa guerra, o sentimento de vulnerabilidade de ser alvo é algo colectivo e abstracto. Os alvos são, para o público, os líderes e as estruturas militares. O terrorismo indiscriminado, pelo contrário, transforma qualquer indivíduo num alvo.

Os vários atentados terroristas ocorridos nos últimos anos demonstram que o funcionamento das instituições democráticas e das infra-estruturas que suportam a nossa sociedade são extremamente vulneráveis a atentados terroristas. O sistema de transportes públicos terrestre (autocarros, comboios, metro, etc.) devido à quase inexistência de medidas de segurança são um dos alvos preferidos, sobretudo em épocas do ano em que as condições climáticas obrigam a efectuar viagens com as janelas fechadas, pois o espaço confinado maximiza o potencial de destruição. Em autocarros, a explosão de um engenho explosivo liberta uma onda de choque e estilhaços que provocam lesões nos pulmões e noutros órgãos

²⁹ MÜLLER, Harald, Terrorism, proliferation: a European threat assessment, Chaillot Papers n.º 58, Institute for Security Studies, European Union, Paris, March 2003, pp. 11 - 12.

³⁰ SMELSER, Neil J. e MITCHELL, Faith (ed.), Discouraging terrorism. Some implications of 9/11, The National Academics Press, Washington, D.C., 2002, p. 2.

internos. A explosão do combustível causa queimaduras e a inalação dos gases provoca asfixia. Para tal efeito destrutivo bastam apenas algumas centenas de euros, algum explosivo improvisado, e bocados de metal (porcas, parafusos, esferas de aço, etc.). Num ambiente urbano aberto, para os terroristas obterem um grau de destruição similar, seriam necessários vários quilos de explosivo.

Do ponto de vista das forças de segurança, o sistema de transportes públicos é a infra-estrutura que maiores desafios representa em termos de implementação de medidas de segurança. As medidas de controlo de perímetros e de acessos desequilibra o binómio “controlo de acessos – acessibilidade”, porque complica e atrasa o acesso dos utilizadores aos transportes, com enorme impacto económico. Por outro lado, a protecção acrescida do sistema de transportes públicos tem o potencial de transferir a actividade dos terroristas para outros alvos com menor protecção, como centros comerciais, recintos desportivos, cinemas, restaurantes, discotecas, etc.

Nos nossos dias, o insucesso de um atentado não pode ser apenas medido pelo facto de não ter feito vítimas, ou por ter sido neutralizado pelas forças de segurança antes de acontecer. A simples publicidade da neutralização de uma acção é suficiente para condicionar e transformar a vida de milhares de pessoas, para além do potencial de mobilizar novos aderentes e induzir fenómenos miméticos. A mera suspeita da existência de uma ameaça terrorista é suficiente para condicionar o normal funcionamento da sociedade e para manter um país em estado de alerta prolongado. A ameaça não precisa de se concretizar para ter efeitos. A simples suspeita da existência ou a simples neutralização de actos preparatórios é o suficiente. A publicidade gerada consegue transformar o insucesso em sucesso, e torna claro que a vida nas sociedades actuais é “organizada” em função do risco e, consequentemente, tem uma larga margem de incerteza, geradora de fortes sentimentos de insegurança. Eventos recentes demonstram que os ataques ou a ameaça produzida num determinado ponto do planeta é suficiente para despoletar medidas de segurança excepcionais noutros Estados, seja

por causa das suas alianças e envolvimento em certos conflitos, seja pela declaração de certos grupos de que determinado país é um alvo legítimo na sua *Jhiad* global. Quando estamos neste ponto é difícil afirmar que os terroristas não estão a ter sucesso, pois estão a semear a desconfiança e a forçar os princípios sobre quais os Estados democráticos são fundados.

Fruto de tal contexto torna-se comum a visão de polícias fortemente armadas ou mesmo de elementos das forças armadas a vigiarem aeroportos, terminais de transporte ou edifícios públicos. Em tal clima não é de estranhar o “consenso” gerado na aplicação de medidas de segurança de excepção. O que é vital é não esquecer que se tais medidas não forem devidamente ponderadas e aplicadas são os terroristas que ganham. As sociedades contemporâneas, devido à miríade de alvos potenciais e múltiplas vulnerabilidades, não podem excluir a possibilidade de sofrer atentados terroristas. Perante esta constatação, e na impossibilidade realista de colmatar todas as vulnerabilidades e proteger todos os potenciais alvos, ao Estado apenas resta fazer uma gestão rigorosa dos riscos, tentando prevenir e neutralizar os mais prováveis e com maior impacto e preparar-se para, no caso de um atentado ocorrer, reagir com prontidão e eficácia.

6. Apesar do elevado número de ataques que as forças de segurança conseguem prevenir, o público, normalmente, apenas toma conhecimento dos seus insucessos da pior maneira: quando um atentado ocorre. Tem sido frequentemente noticiado que as autoridades britânicas têm prevenido vários atentados desde Setembro de 2001. Tal sucesso não se deve apenas às forças de segurança, mas também ao comportamento de uma população habituada ao longo de 30 anos a conviver com o terrorismo do IRA, e que por isso se tornou vigilante e apta a colaborar com as autoridades.

Na prevenção e combate vários domínios da acção do Estado são fundamentais. A actividade de informações é, eventualmente, aquela que mais pode contribuir, quer para a prevenção de atentados, quer

para a identificação dos membros dos grupos. A investigação criminal e a consequente acção das forças de segurança com base no conhecimento produzido é essencial não só para a detenção dos terroristas, mas também para a neutralização de atentados.

Neste combate – e é importante não confundir o combate ao terrorismo com a neutralização de uma organização em particular, embora se possa compreender o papel que desempenha a neutralização de determinada organização enquanto personificação do adversário – o reforço das medidas de segurança física também é essencial pelo potencial de negação de alvos aos terroristas. Neste caso, as forças armadas podem desempenhar um papel complementar das forças de segurança. Apostar apenas na protecção física de determinados alvos contra suicidas, com a colocação de barreiras físicas pode parecer insuficiente ou mesmo inadequado, no entanto, além de tornar o alvo mais resistente desempenha um importante papel na tranquilização dos cidadãos, que sentem que as autoridades estão atentas e que estão empenhadas na sua segurança.

A conjugação das várias vertentes é importante para garantir que os atentados não ocorrem. O seu efeito nos terroristas é importante pois os líderes dos grupos terroristas, apesar de um grande potencial recrutamento e de financiamento, não gostam de insucessos, sendo avessos à incerteza e ao risco. A credibilidade do grupo é um importante factor no recrutamento e na obtenção de apoio financeiro. A percepção subjectiva de que a organização está a ganhar ou a perder é muito importante.

A prevenção e o combate ao terrorismo tem de ser feito em duas vertentes: a neutralização da ameaça corrente e, numa segunda vertente, pela resolução dos problemas que mobilizam os terroristas e lhes permitem justificar as suas acções, e obter o financiamento para as suas organizações, de forma a negar condições à expansão de ideologias radicais e o recrutamento de novos operacionais. Só com uma manifestação clara da intenção e da determinação, sem cedências ao medo, e sem sacrificar os valores democráticos, pode o terrorismo ser neutralizado. No entanto, e em última análise, trata-se de um longo e difícil combate para o qual todos devemos estar preparados.

BIBLIOGRAFIA

- CRAGIN, Kim, DALY, Sara A., The dynamic terrorist threat: Na assessment of group motivations and capabilities in a changing world, RAND, Santa Monica, 2004.
- CRENSHAW, Martha, *The logic of terrorism: Terrorist behavior as a product of strategic choice*, pp. 7 – 24 in REICH, Walter (Ed.), Origins of terrorism, Woodrow Wilson Center Press, Washington, D. C., 1998.
- DELPECH, Thérèse, *A Safe and Secure Europe?* in NEWHOUSE, John (ed.), Assessing the threats: instabilities and deadly weapons, Centre for Defense Information, Washington, D.C., July 2002.
- EUROPEAN POLICE OFFICE, *EU Terrorism Situation and Trend Report 2008*, EUROPOL, Netherlands, 2008.
- JENKINS, Brian Michael, *Introduction* in ELLIS III, James O (ed.), *Terrorism: What's Coming, the Mutating Threat*, Memorial Institute for the Prevention of Terrorism, Oklahoma City, 2007.
- LAQUEUR, walter, A history of terrorism, Transaction Publishers, New Brunswick, 2002.
- MÜLLER, Harald, Terrorism, proliferation: a European threat assessment, Chailot Papers n°58, Institute for Security Studies, European Union, Paris, March 2003
- RANSTORP, Magnus, *Le terrorism au nom de la religion*, pp.113 – 140, in CHALIAND, Gérard (dir.), Les stratégies du terrorism, Desclée de Brouwer, Paris, 1999.
- SMELSER, Neil J. e MITCHELL, Faith (ed.), Discouraging terrorism. Some implications of 9/11, The National Academics Press, Washington, D.C., 2002.